

ÁGUAS

VIVAS

Vol. 5

*Antologia
de Poesia
Evangélica*

- Carla Júlia
- Jorge F. Isah
- Júnior Fernandes
- Karla Fernandes
- Natanael Santos
- Newton Messias
- Samuel Pinheiro

Águas Vivas

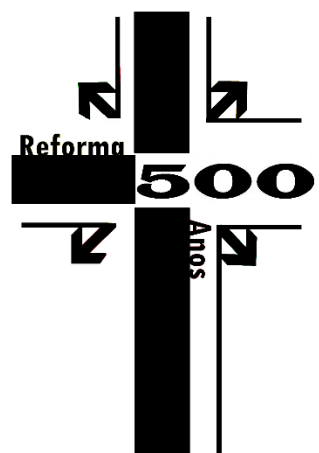
Volume 5

Antologia de Poesia Evangélica

*Carla Júlia • Jorge F. Isah
Júnior Fernandes • Karla Fernandes
Natanael Santos • Newton Messias
Samuel Pinheiro*

Organização de
Sammis Reachers

2017



1517 - 2017
500 anos de
Reforma Protestante

Índice

Apresentação	06
Carla Júlia	08
Noé	09
Oração	10
No chão escreveu	11
A terra prometida	12
No último dia	13
Maria Madalena	14
Calvário	15
Com os lábios	16
Filho pródigo	17
Jorge F. Isah	18
Devo-te	19
Final	21
A cura	22
Construção	23
Ilusão	24
A Cruz	25
Cuita	26
Transpiração	27
Fatal	28
Júnior Fernandes	30
Salmo Para Dias de Escuridão	31
Nem eu te condeno	32
Relato de um cego que enxergou a luz	33
O derramamento da pecadora	34
O caminho para dentro	35
Escatologia existencial	36
Quem és tu?	37
Quando Cristo morreu	38
O sol declinou sereno esta tarde	39
Karla Fernandes	41
Desejos	42
Nessa época	43
Morte gloriosa	44
Um dia a mais	45
Clareador	47

Causa	48
É preciso morrer [de alguma forma]	49
Silêncio	50
Aba	51
Natanael Santos	52
A alvura da esperança é mais singela	53
A fé em Deus torna tudo acessível	54
A força do silêncio	55
Canto à esperança	56
Deus é pra nós o precioso orvalho	57
Mãos treinadas sobre o lívido marfim	58
Na cruz estava a gênese da vida	59
A ígnea luz de um coração ardente	60
Fragmentos do ser	61
Newton Messias	62
Balada do amor de Pedro	63
Escrevo amor	65
Lições do semeador	67
Painossinho	69
Paz moderna	70
Bom homem	71
Ecce homo	73
Bilhete para um suicida	74
O tempo de Deus	75
Samuel Pinheiro	77
Até quando	78
Mãos II	79
Canção Salgada	80
Poema-aos-que-se-amam.	82
- Ide	83
Do Exílio.	84
Poema	85
As mãos não são mudas	87
Nascer 1	88
Outros livros	92

Apresentação

Costumo dizer que a poesia é a antecâmara da Fé. A entrega poética, o salto/libertação que o sentimento poético opera, prenuncia a entrega maior que a fé solicita. E este livro é uma obra de fé. A de quem escreve e a de quem lê, a de quem, em meio a tempos de furiosa turbulência e apressadas solicitações, consegue tempo e alma para adentrar esta antecâmara que fala de re-ligação com o divino.

Pois a caravana não pode parar. De diversos cantos, o canto dos peregrinos ainda faz-se ouvir. A primavera resiste. A poesia cumpre seu papel, supre alento aos homens.

Nesta nova seleta, como já é tradicional em Águas Vivas, reunimos a voz experimentada de poetas laureados à voz de jovens iniciantes nos meandros poéticos, promissores e já de forte expressão.

Uma outra tradição de Águas Vivas é promover e celebrar a fraternidade que podemos chamar de lusófona: Desde a primeira edição, apresentamos, junto aos autores brasileiros, a obra de excelentes poetas evangélicos portugueses. Neste volume, além da presença honrosa do pastor, escritor e poeta português Samuel Pinheiro, ampliamos nossa corrente fraternal até a nação irmã de Moçambique, na figura da jovem Carla Júlia, poeta cuja riqueza de expressão é de admirar. E não bastasse a reunião de tão boa poesia devocional, apenas isso - a comunhão em livro de ótimos poetas de três continentes, três países da lusofonia - já seria um selo distintivo a cancelar a relevância de Águas Vivas.

O talento em comum é aqui o eixo axial a unir poetas tão díspares em estilo, que operam nas mais variadas *frequências* poéticas, e que, juntos, dão o tom democrático que sempre norteou esta antologia. Da beleza clássica dos sonetos de Natanael Santos aos versos de moderna dicção e com um toque de *poesia marginal* de Newton Messias; da caudaliosidade hermética de Jorge F. Isah ao poema franco e filosófico de

Júnior Fernandes; da maturidade decantada de Samuel Pinheiro até os versos sublimados da jovem moçambicana Carla Júlia e à terna entrega devocional de outra jovem, Karla Fernandes, estabelece-se aqui a corrente confraternal que, tenho certeza, acrescerá encanto aos olhos de todo amante do verso inspirado.

É pois com renovada alegria que entregamos aos leitores este novo volume de Águas Vivas.

Sammis Reachers, *organizador*.

Carla Júlia Machaieie

Nasceu em 13 de Setembro de 1995, em Maputo, Moçambique. Cresceu frequentando a igreja Católica Nossa Senhora Aparecida de Mavalane, em 2012 passou a frequentar a igreja Ministério Evangelho em Acção, onde atualmente se encontra como membro. Encontra-se no ano de conclusão de sua licenciatura em economia na Universidade São Tomás de Moçambique. Em 2010 participou do Movimento Literário “Aldeia Literária” e no mesmo ano participou da antologia “Entre nós e as Palavras II”. Em 2013 participou do concurso de poesia na Minerva Central com o poema “Peregrino”. Tem seus textos publicados em diferentes blogs e declama-os habitualmente nas atividades em prol do evangelho. Os poemas aqui publicados fazem parte do livro inédito *Aos Pés da Palavra*.

Noé

Rótulos do tempo
Tomados aos bocados por seus cabelos
Em seus olhos cabia apenas o dilúvio
Que lhe envolvia
Como pescador de lembranças.

Nas entranhas da tenda
Se desfazia dos nós da vida
Entre os cachos de vinho
Que não guardaram a nudez de sua euforia.

Oração

Papéis na mesa
São as cartas
Abertas por meus joelhos
Rogam estes pedaços de pó
Por versos caídos do céu
Na esperança de serem guiados
Por uma estrela de fé
Nas mãos do grande poeta.

No chão escreveu

Gaivotas
São teus dedos
Caiados de amor
O outro lastro da vida
Sobrevoando
No pó da terra
Remodelando o coração das pedras
Como se o convertesse em carne.

Pássaros são também tuas palavras,
Onde pousam transformam
Libertam da condenação
Ninhos adúlteros como os meus.

A terra prometida

Crescem-nos as túnicas
Crescem-nos os murmúrios
Cresce-nos a senda
Cresce-nos o desespero.

Nos embalamos em mhalamhalas*
Tapamos as chagas da vida
Com *Band-aid* João 3:16

Em rochosos pensamentos
Encontramos um que nos de água
Matamos a morte
Com goles de vida eterna.

** Louvores e cânticos. É também o nome de um hinário tradicional utilizado por igrejas evangélicas moçambicanas.*

No último dia

Vi nuvens abraçando-se
Pássaros adornavam
As vestes que resplandeciam
Seus olhares contavam-se histórias
Sugados numa só melodia
Suas almas prostravam-se
As nuvens tornaram-se em uma
O silêncio embalou a dança.

Maria Madalena

Repouso os meus olhos em ti
Enquanto a pedra em meus
Cílios se desfaz
E na tumba de minhas entranhas
Minha alegria ressuscita.

Busco as mesmas letras de ontem
As que deixaste balouçando em mim
Como lembretes pintadas na vida
Para crer na voz do terceiro dia.

Calvário

Não grite,
O silêncio é a melodia perfeita
Até que o vazio tenha sentido.

Com os lábios

Dreno-me na palavra
Querendo por um instante adorar
Ofusca-me o desejo de mostrar-me
E movo os lábios suaves
Como se sentisse o néctar
Da melodia
Descrevendo a grandeza de Deus.

Nas escalas do meu ego
Perco na verdade
As pétalas da minha adoração a ti.

Filho pródigo

Grudado no cheiro de meu desejo
As margaridas da sua voz
Incineravam-se na herança
Reluzente do meu vazio.

E na quietude da abundância
Bruniu-se a pureza do teu sorriso
Quando recolhi do passado
A lembrança de ser teu filho.

Jorge F. Isah

Jorge Fernandes Isah, mineiro, natural de Belo Horizonte, autodidata, poeta, escritor, teólogo e pregador eventual. Casado e pai de um casal de filhos. Salvo eternamente pelo Senhor Jesus Cristo, ainda que, no tempo, tenha ocorrido aos doze de Outubro de 2004.

Autor do livro *A Palavra Não Escrita*.

Mantém o blog www.xn--klamos-pta.blog.br

DEVO-TE

Se agora o sorriso é jubiloso
e não mais os dentes renhidos,
Se o vento me refresca a alma
e não ouço mais os trovões,
devo-o a ti.

Se as mãos se unem em harmonia
e trabalham juntas na mesma vontade
exercitando a justiça
a não jabear nervosas
mas entrelaçadas na verdade,
devo-o a ti.

Se o coração expurgou
e o sangue não está a ferver em vícios,
E aquele momento se eternizou
e não mais o esquecimento resistirá,
Se hoje não estou mais morto
como era outrora,
Se sou, sou em ti,
como nunca fui antes
mas devo-te
porque em ti vivo
movo e existo.

Sem ti,
o que seria de mim?
Não me lembres daqueles dias
nos quais desfalecia como moribundo
agora sou teu
e nada me fará voltar ao vômito
de onde fui tirado
lavado e vestido em roupas brancas
a olhar-te, frente a frente,
assim como sempre
olhou para mim.
Se sou, é porque

tu sempre fostes e
jamais poderias não ser
o “Eu Sou”.
E devo-o a ti.

FINAL

Todos aqueles anos levados
Como carga em lombo de asno,
O ar a esvair do balão rasgado
Cacho podre desatado do galho.

Histórias levadas à vida
Fotografias desbotadas
Álbuns alargados no tempo
Cicatrizes a coser a alma.

Sob vinho tinto derramado
O último ímpeto de tudo
Perpassa glossário adunco
Qual o sibilar de bala perdida.

Não há condições a cumprir,
Nem resta esconderijos,
A nau abismada na tormenta
Multiplica o corpo em nacos,

À última molécula reduzida.

A Cura

Como aquela ferida esvai-se em sangue,
Não um sangue vermelho, cáldo, denso,
Mas de um líquido diáfano, rarefeito, tépido,
De uma tibieza quase fria e estertorante,
O sinal de que o velho coração não pode
mais se absolver, sem condenar todo o resto.

Incontáveis vezes começou de novo, e de novo,
Sem haver determinação em seu ânimo, apenas
uma vaga esperança de que a manhã seguinte
não fosse a repetição de ontem, nem o hoje
a necessidade de se descortinar em meio as
brumas gris do esmigalhado sentimento.

A consciência era o gume afiado a abrir mais
as chagas, de onde o sangue vivo e libertador
se interpunha, entre a maldade de agora e a
eterna virtude do inocente, em cujo lugar, que
era meu, se dispunha, olhando-me fixamente os
olhos, e, em seu perdão, vi o amor e a graça.

O perigo sempre estive em mim mesmo, e não
sabia; ainda que me cortasse e não visse nada
além da carne arrefecida, monopólio dos homens
esgotados pela paralisia, o sofrimento constante,
de onde não se pode afastar, apenas negando;
sem que do peito a pedra seja arrancada, e no
lugar um ovóide músculo se implante.

Contudo, lá está ele, a antítese de mim mesmo,
a quem, um dia, face a face, direi:
“aqui estou, e não sou mais eu, mas Tu;
e tome a vida em tuas mãos, não mais me pertenço,
assim como nunca fui meu, e somente porque tu te
feriste, posso finalmente bradar: ‘Então, sarei!’”.

CONSTRUÇÃO

Quão grande tristeza se me abate,
Como saraivada de tiros no peito,
Qual apêndices a se arrancarem,
Tal a morte se avizinha solerte.

Sendo eu a chamá-la desavisado,
Esperando uma Vênus solene,
Atirar-se nos braços desnudos,
Cujas mãos prende-a correntes.

O último suspiro inaugural,
Sem forças para inalar o ar puro,
Não se sustentam e evanescem,
Palmilhando a alma tristural.

Quando estou fraco, sou forte,

O apóstolo dizia oportuno;
É possível carregar a força
Em um corpo notório doente?

Esperança do cinto desapertar,
De afrouxar a corda hirta,
A algema desencadear-se,
E aliviar-se a carne livre.

Ainda há a luta encetada,
Uma odisseia de sangue;
E que o meu nele morra,
Desarreigando-me perpétuo.

ILUSÃO

Se o martelo no bronze
Não produz nenhum som;
Se a pedra no vidro
Não o reduz a estilhaços;
Se a água na areia
Corre impermeável;
Se o vento nas folhas
Não as deixa agitadas;
Se o som não reverbera no aço
E a luz esconde os objetos,
A dor que sinto não é
Pela ferida aberta,
Mas pela santidade
Que poderia fechá-la.

A CRUZ

Ah! O silêncio impossível,
Emaranhado na cabeça,
A um zumbido ecoante,
Entre latidos persistentes.

Ah! As energias esvaindo-se
Em um sôfrego estômago,
Frêmitos latejantes no peito,
Como se fosse sufocar-me.

Ah! As memórias esvoaçantes,
Choram e riem de saudades,
Num tempo em que não eram antes,
E agora perfilam-se sugestivas.

Ah! O futuro desejoso e esperado,
Da paz inimaginável e duradoura,
Como o suspiro diante da beleza,
Ou o ar estancado pela morte.

Há uma guerra deflagrada,
Onde armas obsoletas e inutilizantes,
Apenas distraem-me do confronto,
Garantindo-me a derrota alcançada.

Mas há uma cruz, e nela o libertador,
Há sangue pelos dedos e cravos,
Do seu lado e dos pés,
E, então, posso ver a vitória.

CUITA

Debaixo da placa do noventa e dois zero cinco
Sob o farfalhar das folhagens imperiais,
Ao fundo, a Praça ornamenta a Estação,
Carros disputam-se no asfalto fatigante,
Entre as colunas de edifícios taciturnos.

Calçadas repletas de mesas e cadeiras,
Garrafas e copos ruidosos nas superfícies,
No constrangimento das músicas ordinárias,
O vozerio ébrio assaltado de sequidão,
É a tristeza a ocultar-se na névoa de nicotina.

Vejo até onde os olhos alcançam,
Rostos implorando um sentido,
Não por uma vida malbaratada,
Mas pela morte demasiada tardia.

Sinto agulhadas no peito,
Como se fosse eu o moribundo,
Nos estertores daqueles corpos,
Compungia-me vê-los se definhando.

Uma lágrima contumaz ameaçou esquivar-se,
Retive-a, com o lado do indicador a tempo,
Ao cheiro de coroas de lírios brancos e rosas lilases,
A tampa de pinho escancarou-se impiedosa,
E a lentidão dos meus passos não me impedia
De afastar-me, e alcançar a porta estreita.

TRANSPIRAÇÃO

O martelo e a talhadeira rebimbam na parede vizinha;
A serra recrudesciente trincha o aço perto da janela;
O choro do menino se mistura à histeria materna;
O cão late repicando ao ganido longínquo;
Na rua, o calor do asfalto amolece a borracha do pneu;
E o atrito do freio impregna o ar de fumaça.

A porta bate,
O foguete espoca,
O gato mia,
O sol abrasa,
A campainha toca.

Enquanto a concentração se perde nos sons.
As artérias latejam assomadiças,
Um as frases convergem-se em sequências ilegíveis,
Outras se embaralham nas consciências afligidas.

Panelas se batem na pia por espaço,
O frango crispa na gordura da frigideira,
Não adianta fechar as venezianas,
Se não se pode expulsar odores e barulhos.

Alguém disse que a inspiração não é tudo,
Mais vale o esforço e a abnegação,
Chego a temer nesta atividade insalubre,
E não sei se suportarei a exposição diária,
Ao pastiche de sobreviver nos cotidianos,
E criar frases límpidas e relevantes,
Sem a quietude noturna dos conventos.

FATAL

Gravemente pecou;
Chorou as lágrimas solitárias na noite inimiga,
A festa era porta fechada onde habitava a aflição,
E os suspiros desolados do errante repousavam nos caminhos
tortuosos e devastados,
Onde o socorro não alcança, onde o fim não é lembrado.
As mãos folheavam o álbum, os retratos de tempos antigos,
O papel exaurido e as cores desbotadas pareciam zombar da
ruína em que se tornou.

Gravemente pecou;
O pão, a nudez, o ouro no pescoço, a beldade, eram o troco da
alma declinada,
Os ossos esmagados, a carne enfermada não podia mais
comprar,
Nem mesmo adubar a grama, nem afastar a cerca ao redor.
A armadilha presa aos pés, avalanche sobre a cabeça,
Velhos mortos desatavam águas dos olhos, jovens
convocavam a derrota na última batalha,
Vestir-se de trapos enquanto as luzes expiravam sorrateiras,
E a treva revolvía as entranhas como o fogo consome a úmida
lenha.

Gravemente pecou;
A semente rejeitou a terra,
Mães arrastaram filhos pelas ruas,
A boca cuspiu fora os dentes,
No assobio, cabeças meneadas chocaram-se com muros,
E não se podia escapar da última palavra: a loucura não sara.
Multiplicou-se a ira de Deus,
Deu solenes gritos ao ver o lugar destruir-se,
Gemeu diante do esforço vão de quebrar os grilhões,
Devorou o dia pensando na noite, entrou por onde jamais
sairia,

Guiou-se como alvo às flechas, fez um prato fundo de areia e
lodo,
Escondeu os ouvidos da sinfonia como se esmigalhasse o
único troféu.

Gravemente pecou;
A vida pulverizada como metal limado,
Esperar razão quando sobrevêm amarguras,
Põe a língua no pó, persiga as nuvens no céu,
Não se deixe fugir da morte, e ponha-a a salvo depressa,
Pois o castigo espreita, prestes a abater a caça
implacavelmente.
Polir o lixo, a culpa não pode ser aplacada com uma desculpa.

Gravemente pecou;
Desviou-se, fugiu, andou lentamente erradio, perseguiu
ciladas,
A pele presa aos ossos como cão vadio, sem dono,
Foi-lhe posto o último fôlego, o negrume a vaguear como cego
tocando o vazio,
Debaixo da sombra viu covas enfileiradas, nunca mais se
morará ali,
Serviu-se o alimento, e água suficiente para acabar com a
sede,
Porém, contaminado pelos seus pecados, cumpridos os seus
dias,
Consumiu-se no fim como a descobrir uma recompensa... que
não chegou.

Gravemente, pecou.

Júnior Fernandes

JÚNIOR FERNANDES, nasceu no estado da Paraíba, reside no Distrito Federal. Formado e pós-graduado em Filosofia. Pedagogo e Bacharel em Direito. É professor de filosofia na rede de ensino do DF.

Escreveu os livros *O Sofrimento dos Filósofos; Trevas, Trovões e Trovas: escritos de uma noite escura; Relicário do Sagrado e Sobre as Sombras da Noite: poética para tempos de tormenta e calma* (os três últimos de poesia/prosa poética e o primeiro de ensaios biográficos).

Seus escritos têm como estro principal as temáticas filosófica, teológica e mística.

Atualmente, como autor, se empenha em escrever um livro que mistura poesia, memórias, crônicas, fragmentos e ensaios.

Mantém o blog www.pergaminhofilosofico.wordpress.com

SALMO PARA DIAS DE ESCURIDÃO

Senhor, a escuridão bate à porta.
A chama de minha casa,
não se faz páreo para o frio que veio junto.
Os livros da velha estante,
que outrora consolaram dias tristes,
nada têm a dizer.
Revela-se em tua suficiente palavra
- lâmpada para perdidos no deserto.
Vem com teu bálsamo,
com uma harpa celestial
alegrar essa casa afrontada pela tempestade.
Senhor, sê salmo de salvação
para o peregrino do deserto.
Vem à penumbra dessa tenda solitária...
E quando vieres avisa para que possa lavar teus pés
E derramar o coração perante Ti.

NEM EU TE CONDENO

*“[...] E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não
peques mais.” Jo. 8:11*

As pedras que se tentam alçar contra minha infâmia
pelas catapultas da legalidade farisaica,
são todas dignas de me atingirem, Senhor!
Apanharam-me no flagrante desonroso de meus pecados.
Agora, debaixo deste tribunal imperdoável,
meus acusadores expõem as páginas sombrias de minha
história.

Cubro o meu rosto de vergonha,
curvada neste chão de espetáculo,
que ainda suporta o peso de minha miséria.
E aos teus pés recorro em apelação
não para que me defendas,
mas para que perdoes os meus pecados.
No entanto, mais do que isto fizeste,
ao escrever uma sentença
com fulcro no artigo
“aquele que não tem pecados atire a primeira pedra”,
isso pôs abaixo todas as armas da intolerância;
meus acusadores se viram, como eu, miseravelmente expostos
à necessidade de serem absolvidos
e alcançados pelo “nem Eu te condeno”.

RELATO DE UM CEGO QUE ENXERGOU A LUZ

"[...] ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! tem misericórdia de mim." – Mc. 10: 48

Eu fui esquecido de todos.
Às margens do caminho,
cego errante, mísero maltrapilho...
Meu nobre traje é uma capa esfarrapada,
nela trago todos as desgraças do mundo.
Meu ofício é desonroso:
vivo a mendigar.
Minha felicidade não é outra
senão a de ouvir o tilintar,
em minha vasilha, de alguma moeda atirada.
Mas, hoje, minha escuridão não subsistirá à Luz
que se fará resplandecer. É Ele!
Aquele que me tirará das trevas...
Quando Ele começou a passar
larguei tudo:
minha vasilha, meu bastão, minha capa...
e saltei rompendo a multidão que me murava.
Minha senha:
Filho de Davi, tem misericórdia de mim!
O Mestre parou tudo.
E toda multidão se dobrou ao seu querer.
Eu, que nada era, fui chamado à sala real
como um súdito do Rei.
Em sua presença um manto de treva
descortinou-se de meus olhos, e contemplei a Salvação.

O DERRAMAMENTO DA PECADORA

Os teus pés empoeirados
de tantas estradas percorridas,
lavo-os.
Com lágrimas da fonte de meus olhos
de pálpebras envelhecidas;
Percorrem elas os vincos de uma face
sofrida de abandono e miséria.
Lavo os teus pés;
eles precisam de misericórdia,
pois exaustos estão.
Lavo os teus pés, Senhor,
e enxugo-os com os cabelos maltratados
de minha envergonhada velhice.
Mas, se isso de nada servir,
unto os teus pés ungidos
com aroma de amor,
para aliviá-los do cansaço
e talvez a minha dor.

O CAMINHO PARA DENTRO

O caminho para dentro
- para aonde se deve percorrer o eu.
Lá fora nos perdemos;
perdemo-nos em nós mesmos.
Porém, no interior secreto do ser,
se houver luz,
no caminho de dentro,
encontramo-nos.
Não temeremos minotauros em labirintos.
O caminhante no caminho de dentro
não se perderá em sua jornada,
se em sua estrada tiver como guia
Aquele que conduz a realização plena.
Mas, no caminho de fora,
Devorados seremos,
por monstruosas encruzilhadas.

ESCATOLOGIA EXISTENCIAL

O apocalipse acontece
no coração do homem
que ao pecado apetece.
Daí um estrondo (in)consciente
rebenta com um rufado de clarins
que dão os tons da escatologia da morte.
Forte, não és, homem mortal!
Teu eclipse acontece
quando em teu pecar queda-se,
Sem aperceber-se da queda,
do abismo e do fim.

QUEM ÉS TU?

Eu sou inspiração;
eu sou transpiração;
eu sou aquilo que te toca;
eu sou emoção;
eu sou a rima rica, metrificada e livre;
eu sou o verso triste e alegre;
eu sou a realidade crua;
eu sou bálsamo para dor;
a voz dos idealistas;
taça transbordante de vinho espumante;
a balada dos loucos;
grito de liberdade e de tudo mais que reclame nos porões do
coração;
o sorriso liso, sincero e afável da criança;
os devaneios dos caminhantes solitários;
lágrimas escritas no papel;
a alegria da vida e a chegada da morte;
a felicidade embrulhada para presente;
a luz vivaz do amanhecer;
a sombra da noite escura;
sou tudo que tu quiseses para te encantar;
sou solidão,
o subentendido nas entrelinhas,
adeus,
saudades...
tudo aquilo que cabe na caixa de pandora
ou no inferno de Dante.

Eu sou...

P alavra

O riginal

E special

S urreal

I nvertebral

A rticulada no pensar dos poetas.

QUANDO CRISTO MORREU

Trevas,
trovões,
um céu negro e soturno
flechado por relâmpagos,
o silêncio sombrio e sepulcral da consumação
e a ausência de tudo, exceto da dor,
anunciara que o fim havia chegado.
Quando Cristo morreu,
o inferno por um momento regozijou-se.
Mas o espetáculo da crucificação
e a coroa de espinhos
não conseguiram impedir o triunfo da ressurreição.
Quando Cristo morreu,
o homem encontrou a possibilidade de se reerguer.

O SOL DECLINOUSERENO ESTA TARDE

Para meus pais, in memoriam

Eu preciso ir, preciso partir...
Leve-me para longe daqui.
Para dentro das asas de uma borboleta celestial,
Inexistente nesse mundo frio.
Às mãos um punhado de dor untado em lágrimas
Levarei como espólio do deserto,
Dos poços cavados que não rebentaram.
Tudo já se foi,
Pai, mãe, irmãos...
Deter-se mais é subir a montanha
Numa escalada inútil.
O sol declinou sereno essa tarde,
Deixando que o encarasse sem receios;
Iluminaram retinas tristes seus raios de ouro.
As sombras do anoitecer já não são um monstro temido.
Nunca mais saberei de ti saudade,
Pois meus pais de mãos dadas me aguardam
Do outro lado da ponte.
E antes de encontrá-los, sobre as asas de uma borboleta
celestial
Despejarei nesse mundo triste,
Em seus desertos mais inóspitos, meu casaco maltrapilho,
Chamuscado pelas batalhas (in)glórias.
Já uma brisa de alegria sussurra aos meus ouvidos;
Meus ombros encurvados pelas provas da vida,
Se sentem como o bater de asas de um colibri.
Não há mais âncoras que impedem meu barco
Seguir viagem nesse mar furioso.
Do outro lado, meus pais me aguardam...
As sombras do anoitecer já não são um monstro temido,
Pois, essa tarde, o sol deixou que encarasse os seus raios de
ouro.
Minhas pegadas sumirão no caminho

Para que nunca encontre o caminho de volta,
E, lá, do outro lado, fique eternamente na casa de meu Pai.

Karla Fernandes

Karla Fabricya Fernandes da Silva, 23, nasceu em Paranaiguara, interior do estado de Goiás, atualmente reside em Rio Verde, cidade interiorana do mesmo estado de nascimento.

Aluna do curso de Letras - Português e Inglês, escreve por vocação, tendo optado primeiramente pela palavra crua, e após isso, pelo estudo da palavra. Encontrou seu canto de criação - a poesia - através da Bíblia Sagrada. Recentemente publicou o e-book *Poesia do Alto*.

Desejos

Quero crer como Maria,
Mas sou como Sara que ria.
Quero pregar como Paulo,
Mas acuso como Saulo.

Quero viver o que José viveu,
Mas sem sofrer o que ele sofreu.
Quero ver como João,
Mas sem experimentar a prisão.

Que Jesus de mim tenha misericórdia.
Que não haja entre nós discórdia.
Que eu seja como Ele é!

Que eu me humilhe e Ele cresça!
Que em mim o mundo O conheça!
Que eu seja um exemplo de fé!

Nessa época

Nessa época de mães que lutam pelo direito de matar;
Nessa época de homens que lutam pelo direito de se mutilar;
Nessa época de pela fé ter que se pagar;
Nessa época de julgar Deus como errado;
Nessa época de "Deus colocou corpos trocados";
Nessa época de família ser coisa do passado;
Nessa época de amar de verdade ser luxo;
Nessa época de falhas nossas serem imputadas a Deus;
Nessa época de sermos violentados pela mídia;
Nessa época de a esperança estar em decomposição;
Nessa época de na casa da fé estar escrito 'jaz';
Nessa época de "Jesus não passou de um bom rapaz";
Nessa época de a crença se resumir ao parecer;
Nessa época de a fé não ser amor, ser ter;
Nessa época de conservar ser retroceder;
Nessa época de opinião se tornar fobia;
Nessa época de pensar diferente ser crime;
Nessa época de a ausência de interpretação ser juiz;
Nessa época de a laicidade ser ateísmo;
Nessa época de falar em democracia sendo comunista;
Nessa época de culpar o passado pelo agora;
Nessa época de imputar amor enquanto se odeia;
Nessa época tão cruel e verdadeira;
Nós vemos a ação do que veio para roubar, matar e destruir;
Nós somos livres em plena cadeia,
Mas temos a bíblia como candeia,
Com um fogo que nunca vai se apagar!
A liberdade de poder morrer pelo que cremos,
De ter garantida depois da 'morte' a paz que aqui não temos!

Morte gloriosa

A cruz é um ato de clamor,
Onde um suspiro encerrou o furor.
Guerras se fizeram inexistentes
No segundo em que do corpo Cristo se fez ausente.

A cruz é um leito de morte onde o milagre acontece.
Nem sempre viver é o milagre,
Há vezes em que a morte resplandece.

Quando morri pra mim
Ele decidiu em mim viver.
Foi minha morte gloriosa,
Para um dia a Glória eu poder ver!

Quando na cruz de amor Ele se deu
Decidia por mim novamente.
Para que eu não morresse Ele morreu,
Silenciosamente!

Um dia a mais

escreva até que a caneta
sublime em sua mão
escreva até que a palavra
decline e toque o chão

escreva sem causas
pois enquanto houver
mão haverá palavra
enquanto houver
coração haverá arma
e a letra ferirá

e vestir-se-á de prazer
fazendo sorrir
causando dor
excitando à vida
tornando indolor

eis que a arma da caneta
a causa do escritor
é perde-se na letra
e encontrar-se no amor

tocar o chão como corpos
quentes, salgadas
todas cheias de si
as palavras são pessoas aladas
de mentes complicadas
e corações simples

a vida tornando-se abstrata
incorporando-se íngreme
sendo toda palavra sensata
o amor em estado incólume

no dia de hoje
no dia de ontem
no dia de amanhã
ame a letra
faça dela beretta
seja dela a irmã

escreva se possível
a alma imprevisível
que deve te habitar
viva sensível
a letra plausível
que em ti deve morar

Clareador

Condiciona-me ao Teu brilho
Cega-me com Tua luz,
Não preciso enxergar,
Se tu me guias, Jesus!

Ascenda-me em meio à escuridão,
Acenda-me quando eu precisar brilhar.
No nada quero me erguer,
No nada quero Te enxergar.

Faz de mim Tua candeia,
Tua candura vem me encantar.
Nem toda treva que me rodeia
Pode Tua claridade ofuscar!

Causa

O mundo sorriu
Ao se encontrar nele mesmo.
Eu sorri
Ao me perder em ti!

Nossas causas diferentes
Mudam o tempo da felicidade.
O mundo rirá por um momento,
Eu rirei pela eternidade!

É preciso morrer [de alguma forma]

Iracundo
É o sangue que sobe
Da terra,
Que grita
Escandalosamente
Querendo
Justiça
Profunda!

Fecundo.
Nasce
Paz do solo.
Paz do céu
Que desce,
Paz que parte
De dentro,
Cresce com capim
Flores de esperança!

O sangue
Que grita
É do piedoso
Que cedeu sua vida.
Aceitou a ida
Para não negar
Na lida,
Que disse sim
À morte
Para a Deus abraçar.

Silêncio

Que minha fé seja sentida,
Mesmo quando
Minha alma exaurida
Não mais puder gritar.

Que minha crença seja garrida,
Quando meu corpo descabido
Não conseguir nem sequer
Se manter por um instante de pé.

Acabo-me muito rapidamente,
Mas nessa vida é mesmo assim:
Ora vivo, ora morto,
A alma parte pra outro porto.

Volta pra casa em um segundo,
Deixa a terra e as dores,
Conhece a paz e celestiais sabores,
Não reclama mais do mundo.

Aba

Que eu nunca me cale.
Mesmo que eu perca
Toda a minha carne
Meus ossos Te proclamarão!

Que meus restos Te louvem,
E os ventos que outrora
Encheram meus pulmões,
Entreguem-te
Através do ar às nações.

Que minha morte Te exalte,
E meu amor nunca se acabe.
Que Tua glória resplandeça,
Mesmo no meu fim,
E que disso eu não me envaideça.

Amo-Te em vida,
Amar-Te-ei fora dela.
Quando acabar aqui minha lida,
O céu do meu amor por Ti
Será a capela!

Natanael Santos

Natanael Santos nasceu em 24 de novembro de 1957, na cidade de Barbacena/MG e reside atualmente em São Paulo (capital). Casado, pai de três filhos e avô de um casal de netinhos.

Formado em Teologia pela Escola de Teologia Pastor Cícero Canuto de Lima - São Paulo.

É autor do livro *Colocando a Família na Arca* (2013).

Pastor da Assembleia de Deus Ministério do Belém desde 1984.

Membro do Conselho de Doutrina da CONFRADESP (Convenção Fraternal e Interestadual das Assembleias de Deus no Ministério do Belém - SP).

A ALVURA DA ESPERANÇA É MAIS SINGELA

A alvura da esperança é mais singela
Que a negridão das coisas passageiras
Mil vezes Cristo; prefiro estar com ela,
Do que sofrer as consequências derradeiras.

Minha esperança está posta em Jesus
Que me amou e aqui morreu pra me salvar
Sangue inocente foi vertido lá na cruz
Para minha alma do pecado libertar.

Viva esperança tenho no meu existir
Ela assegura de Jesus a Aliança
Comigo feita, até eu daqui partir.

Nele espero, Nele tenho segurança
Com Ele sigo até chegar lá no porvir
Pra desfrutar a minha bem-aventurança.

José Bonifácio-SP
24 de julho de 2015

A FÉ EM DEUS TORNA TUDO ACESSÍVEL

Quiseras ver mais além do previsível
Onde tua fé conseguisse alcançar
Quiseras ver Deus fazendo o impossível
Grandes milagres em sua vida operar?

Creia somente para que tu possas ver
Deus operando Seus milagres e sinais
Ó não duvides, pois é Dele o poder
Ele faz muito e tem poder pra fazer mais!

Ele é grande, o Seu poder é imutável
Para Ele, nada nunca foi difícil
Opera sempre e de modo incomparável

Então comece agora a ver o invisível
Passe a lograr o que te era inalcançável
A fé em Deus te torna tudo acessível!

José Bonifácio-SP
29 de julho de 2015

A FORÇA DO SILÊNCIO

Porque alçar a voz
Se é no silêncio
Que se ouve o murmúrio do riacho?

Porque gritar
Se é calando
Que encontramos
O caminho para o diálogo
E a compreensão?

Porque o burburinho das gentes,
Se é melhor ouvir o trinar das aves,
E o sussurrar do vento
A perpassar por entre os jardins,
Beijando as pétalas das rosas?

Porque o ruído das discórdias
Se é melhor aceitar
O convite das pedras
Que na sua quietude
Acolhem a pancada das ondas
E oferecem momentos
De intensa e
Proveitosa reflexão?

Porque falar se há tempo para tudo?
Inclusive para se calar

Porque gritar
Se é no silêncio que
Ouve-se a voz da alma
E o palpitar do coração de Deus?

Caieiras-SP
Agosto de 1995

CANTO À ESPERANÇA

Traz em teu bojo, oh! Palavra mágica.
Um doce eflúvio que inebria a alma
Sua inexistência faria a vida trágica
Seu bom teor concede-nos a calma.

Há mil percalços, e é mui dura a lida.
Sobreviver, realmente é um milagre.
Os muitos males acrescentam à vida
Sua má sorte, cada qual em sua fase.

Ai dos mortais se não fora sua essência!
Como é sublime ter contigo uma aliança
E através dela desfrutarmos a existência.

Em ti encontra-se a mais bela aventura
Fazendo-me afirmar com consciência
É afortunado quem retém a esperança!

Silver Spring, MD – USA
23 de março de 2009

DEUS É PRA NÓS O PRECIOSO ORVALHO

Ó Deus bendito vem já enriquecer-nos
Com as pérolas do Teu precioso orvalho
Ó não deixe que venhamos esquecer-nos
Que somos fruto do Teu fiel trabalho.

Necessitamos nessa noite que vivemos
Do refrigério que só Tu pode nos dar
Teu doce orvalho fará com que nós prosperemos
Preciosas gotas, não nos deixará murchar.

Seja pra nós o doce orvalho prometido
Pra que jamais percamos nosso vigor
Por Ti cuidados, não nos damos por vencidos

Mas restaurados lutaremos com fervor
Seremos sempre como os jardins floridos
A espalhar ao mundo inteiro o Seu odor.

José Bonifácio-SP
16 de dezembro de 2015

MÃOS TREINADAS SOBRE O LÍVIDO MARFIM

Mãos treinadas sobre o lívido marfim
Vão deslizando com destreza angelical
Som mavioso pode se ouvir enfim
Belos arranjos, estupendo recital.

Exímias mãos num constante vai e vem
Tecem arranjos em sublimes minuets
Estupefatos, convidados se detêm,
Escutando atentamente o alegreto,

Do suave som, da sinfonia na sonata,
Tocada com a perfeita maestria
De mãos treinadas, habilidade nata.

O pianista com carisma contagia
Sua plateia que, ternamente grata,
Volta pra ouvir belo concerto noutro dia.

José Bonifácio-SP
30 de maio de 2015

NA CRUZ ESTAVA A GÊNESE DA VIDA

Vemos na cruz nossa bendita eternidade,
Nela estava a gênese da vida,
Da vida eterna para toda humanidade,
Que neste mundo já se dava por perdida.

Perene prêmio Jesus Cristo ali doou,
Amor supremo nunca visto em ninguém,
Pelo seu sangue meus pecados perdoou,
E deu-me a vida pra gozá-la no além.

Esse tesouro a nada aqui é comparável,
Grandes riquezas lá no céu vou desfrutar;
Tudo por conta do amor incomparável,

Que o nosso Deus veio ao mundo demonstrar,
Quando o Seu Filho tão amado e adorável,
Morreu na cruz pra eternidade me doar!

José Bonifácio-SP
23 de outubro de 2015

A ÍGNEA LUZ DE UM CORAÇÃO ARDENTE

A ígnea luz de um coração ardente
Brilha mais forte que o sol meridiano,
Quando reluz na alma tão carente
Atraindo o pecador a outro plano.

O evangelho é essa luz tão radiante
Que brilha com veraz intensidade,
Na alma de um pregador vibrante
Que prega com coragem a verdade.

A verdade que transforma e liberta
O homem vil da terrível opressão
E o conduz para a porta que aberta,

O encaminha para a grande salvação
Nela passando, a vitória é mais que certa,
E o pregador não ficará sem galardão.

José Bonifácio-SP
22 de julho de 2015

FRAGMENTOS DO SER

Fraccionado jaz teu ser ai no chão
Por toda parte se vê os estilhaços
Deste projétil que feriu teu coração
Deixando-o todinho em pedaços.

Taciturno, cabisbaixo e destruído.
Chorando a miséria em que estás
Pensando que do mundo excluído
O tempo inteiro, você há de ficar.

Deus sabe o que fazer contigo agora
Ele pega esse pouquinho que restou
Essa apatia, Ele manda já embora,

Te diz: “Não temas! Contigo Eu estou.
Levanta tua cabeça nesta hora
Porque reconstruir-te agora EU vou”.

Silver Spring, MD – USA
14 de abril de 2009

Newton Messias

Newton Messias nasceu em Salvador, Bahia, em 1973, mas mora em Recife desde criança. É formado em Música pela UFPE, com especialização em Educação. Ensina violão clássico no Conservatório Pernambucano de Música e também no Conservatório de Olinda.

A poesia sempre esteve presente em sua vida e nos últimos anos vem ocupando cada vez mais seu tempo e seu coração. Mora em Recife, é casado e pai de duas filhas. Mantém uma página no Facebook (www.facebook.com/poesiatd) onde publica suas poesias. Publicou recentemente o e-book *Passagem*.

Balada do amor de Pedro

para meu irmão Tales Ferreira

Neguei
Três vezes neguei
Três vezes a Cristo neguei
E justo na noite fatal
Na noite de angústia mortal

Cantou
O galo cantou
Duas vezes o galo cantou
Não era manhã de alegria
Mas noite da minha agonia

Olhou
Virou e me olhou
Jesus se virou e me olhou
Não era um olhar de censura
Meu Deus, que olhar, que ternura!

Sozinho
Sozinho ficou
Sozinho a cruz enfrentou
E enquanto eu bebia minha dor
Morria por mim, pecador

Depois
Não muito depois
Três vezes Jesus perguntou
Oh, Pedro, meu filho, me amas,
me amas, amigo, me amas?

Falei
Três vezes falei
Três vezes que o amava afirmei
(do canto do galo lembrei
também que três vezes neguei)

Calei
Mais nada falei
Enorme silêncio se fez
Na praia, onde eu e o Senhor
Imersos ficamos no amor

Escrevo amor

para minha filha Lídia

Sou o poeta da vida
e da sobrevivência
Sou necessário

Escrevo
para que a vida continue possível
Cumpro a sina exemplar
das espécies que amo:
toda espécie de bichos e coisas

Simples garçom dos entes
ofereço seu pão sua água
seu oxigênio sua luz
numa bandeja branca
cheia de palavras frescas

Penso um verso-sol
pontual
e necessário
Penso um poema-húmus
que fertilize o mundo

Nada sei sobre a musa
não a conheço
nada devo à beleza
vão adereço

Me interessa o que se move
ou tudo que alimenta
aquece
e ilumina o que se move

Me interessa o que vive

por isso escrevo amor: pão diário
fé: água limpa
esperança:
a persistente alternância
de inspirar e expirar
escrevo vida: luz do dia

Assim anoiteço
e vou
(não faltei com a vida)
sem cuidado algum
sem nenhum temor

Lições do sementeiro

para Caio Fábio

1

semeador é ponte
entre chão e semente
semeador é mão
seu labor não é vão

2

semente boa
não escolhe chão
se lança
sobre sim ou não

3

o chão
paixão do grão
é também seu caixão

4

sementes tem inimigos
 acima: que as roubam do chão
 abaixo: proíbem raízes
ao lado: as sufocarão

5

boa terra
acolhe o grão
e expecta
o mover da mão

6

dorme o grão
 acorda pão
morre o grão
 renasce pão

re feição

7

é o mesmo grão

entre mão e chão
é o mesmo grão
entre chão e pão
ressureição

Painossinho

Pai nosso
louvado seja
que seja
do vosso jeito

Pão nosso
não nos rejeite
perdoa
pelo mal feito

Protege
nessa peleja
teu povo
do dito cujo

Pai nosso
de nós aceite
a prece
que assim seja

Paz moderna

depois de desejar bom dia em trinta grupos
saiu calado sem cumprimentar ninguém

depois de assinar um avaaz contra a corrupção
estacionou na vaga de idoso

depois de desejar feliz aniversário a um desconhecido
ignorou a tristeza do colega ao lado

depois de escrever hashtagparemaguerra
curtiu a página do facista militar

depois de postar "Deus é amor"
continuou achando que "bandido bom é bandido morto"
continuou mandando todos pro inferno

e seguiu assim, fraturando a vida,
deixando o melhor de si no virtual
e o pior no mundo real

31/12/2016

Bom homem

Szyborskiando

Ser um bom homem não me interessa.
Bom homem é um homem que desempenha bem
um papel:
trabalha,
consome,
paga impostos,
torce por um time,
bebe cerveja,
transa
e quando a morte chama, obedece.

É como um bom carro,
um bom liquidificador,
um bom papel higiênico,
uma boa metralhadora,
um bom ladrão.

Homem bom é outra história.
Não que seja fácil distingui-lo de seu duplo.
Não é.
Ele faz tudo igual
mas desenvolveu cacoetes peculiares:
não mente,
não gosta de maldizer,
ama crianças,
não rasga mas também não beija dinheiro,
tem uma paciência insuportável,
limpa a merda do sapato e, vejam só, alimenta o cão que cagou
no chão.
Se você me entende...

Esse tipo
frequentemente é odiado pelos homens em geral.
Ele não é funcional.

Insiste em fazer certas coisas de modo diferente do usual,
atrapalhando o andamento normal do mundo,
ritmo estabelecido a muito custo
por milhões de bons homens
durante milhares de anos.

São difíceis de se lidar.

Pedras no sapato

Tanto é que muitos foram descartados:

envenenados,

queimados,

fuzilados,

outros, vejam só, pregados vivos de braços abertos numa
coisa chamada cruz,

ou apenas silenciados com táticas desenvolvidas e
aperfeiçoadas há milênios.

Eu,

que ainda sou apenas um bom homem positivo e operante,

me envergonho

com o sal nos olhos

na presença desconcertante de um homem bom.

Ecce homo

O que faz de um homem um homem :
marcar um encontro com o inimigo
em lugar deserto
à noite
sozinhos

olhar em seus olhos
demoradamente
sentir a fervura
a memória
o golpe
a ira acumulada
sacar do bolso a arma:
uma flor
depois atirar:
perdoe você
enterrar o corpo do outro
num abraço
e sair pra vida
livre

Bilhete para um suicida

Você já vai?
Vai rasgar ao meio o livro de sua vida
e jogar fora ambas as partes
uma escrita
e outra em branco?

Tudo bem
Que rasgue!
Mas lance fora apenas
a parte de cá
aquela já escrita

Na outra
que está em branco
que tem cheiro de possibilidade
que ficaria espalhada
longe de seus olhos
aos pés dos insensíveis

Nesta
escreve um outro final
com suas próprias mãos
vivas

Depois
bem depois
depois depois depois
encaderne bem bonito
e entregue a Deus
quando o depois chegar...

O tempo de Deus

O tempo de Deus é um outro tempo:
é o tempo da paciente sementeira
e da lenta germinação do broto
até a culminância do fruto
sem agrotóxico ou fertilizante

O tempo de Deus é um outro tempo:
é o tempo do natural crescimento
sem a freima da magia hormonal
que torna adulto o jovem animal

O tempo de Deus é um outro tempo:
é o tempo do lento sazonalamento
onde o próprio Deus deve esperar
trinta anos para então falar
(Hoje, qualquer menino de dezoito
diz que Deus está morto
enquanto ele esperou mais de trinta
para morrer pelo menino)

O tempo de Deus é um outro tempo:
é o tempo da navegação à vela
pelo indomável mar da Galiléia
(zombamos desse tempo enquanto
em nossos titânicos naufragamos)

O tempo de Deus é um outro tempo:
é o tempo das longas caminhadas
pelas estradas da pobre Judéia:
poeirentos percursos por entre
assombros, parábolas e mistérios

No tempo de Deus dá tempo
de olhar as aves do céu
e os lírios do campo

Dá tempo de abençoar as crianças...

Feliz o que ajusta suas velas
e reorganiza seu canto
ao outro ritmo de seu vento

Samuel Pinheiro

Nasceu a 8 de agosto de 1956 na cidade de Coimbra, numa família que fazia parte da Igreja dos Irmãos. Filho do pastor Acácio Pinheiro (1932) e Celestina dos Anjos Rodrigues (1929-2002), e neto do pastor Armando Pinheiro (1911-1997) e Hermenegilda da Piedade (1910-1983).

Aos 17 anos veio para a cidade de Lisboa com a família, com a intenção de fazer a sua formação em Arquitetura. Casou com Isabel Pinheiro (1983) e é pai de Ana Pinheiro (1993).

Começou a colaborar bem cedo (1973) com as revistas Novas de Alegria, Caminho e Avivamento, sendo atualmente o diretor de publicações da Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CAPU (2007). Dirigiu e colaborou ainda com outras revistas - Bara, Outra Face e Liderança Hoje. Foi membro e coordenou a Assessoria de Comunicações da Aliança Evangélica Portuguesa e é o representante da AEP na Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas. No âmbito da internet colabora em vários sites e blogues, tendo dado início ao Portal Evangélico (2003). É autor de vários livros.

Foi consagrado evangelista na Assembleia de Deus de Lisboa em 1987, sendo desde o seu início membro do ministério da Assembleia de Deus em Benfica como igreja autónoma (1999). É professor do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus desde o ano de 1997.

Tem dado a sua colaboração a várias organizações evangélicas – Sociedade Bíblica, Mocidade para Cristo, Grupo Bíblico Universitário, Gideões, Rádio Transmundial, Associação de Profissionais e Empresários Cristãos - ASPEC, Erle Vida, Livro de Vida, Comissão para a Ação Educativa Evangélica nas Escolas Públicas - COMACEP, e Aliança Evangélica Portuguesa.

Até quando

Até quando
as mãos terão o sabor das urzes
e os pés
desconhecerão
o Caminho
que passo a passo
se descobre
e nos renova
Até quando
as mãos se trancarão
e os lábios
não terão mais do que palavras
Até quando
a carne se alimentará de couraças
e os dedos serão espinhos
nas esquinas das ruas
e nas costas dos vizinhos
Até quando
os braços amarão o abismo
e o sangue se colará
ao chão
Até quando
se rejeitará
a Pomba ancorada
acima da tempestade

MÃOS II

imola
também as mãos
no altar

como se fossem
um cordeiro sem mácula

imolar as mãos
ser sal

imolar as mãos
ser espigas

imolar as mãos
ser seara...

HOLOCAUSTO DE VIDA

Canção Salgada

As mãos de Deus não se cansam
de temperar as chuvas
e de aguçar o Sol.
De lavar os nossos olhos no Fogo.
De lavar as nossas lágrimas com Sal.
As mãos de Deus não se cansam
de despregar os desertos das nossas mãos.
As mãos de Deus não se cansam
de alumiar os nossos pés

Ele põe uma enxada de Luz
no nosso sangue
e bate na nossa Fome
com espigas

Deus está preocupado com o homem.
Doem-Lhe muito as minas de carvão
que temos nas nossas veias.
Amor rima com
dor.
Amar rima com
dar.
Ele nunca se esquece de nós!
Nem mesmo quando nós nos esquecemos
Dele
ouve a nossa voz
apesar do barulho rombudo
que fazem as pedras
a cair dos lábios da noite.
Usa um chicote de Lume
para nos acordar.
E há homens que pensam
um sepulcro para O enterrar.
Quem pode fuzilar um raio de Sol?
Ninguém. Ninguém.

Ninguém O pode colar a um muro!
E somos nós que Morremos
quando conspiramos a Sua Morte
!
Importa ouvir o Seu suor
na terra.
Importa ouvir as suas lágrimas.
E aprender as Suas armas de Amor.
As Suas mãos
são um aguçado poema de luta e tranqüilidade
para ouvirmos e decorarmos e vivermos
e atirarmos contra os cemitérios

É preciso
traduzir o azul
mas com gestos.
Dizer o Seu suor aos homens na rua.
Aos homens que todos os dias passam
no tempo que passa
para o Tempo que não passa.
Atirar-lhes ao rosto cavernoso
o Seu suor.
Dizer inteiro o Seu mar de Amor
com poucos lábios.
Soletrar o Seu suor
como se eu fosse um lampião
pendurado na janela.
Escrever o Seu nome com o meu sangue
aqui mesmo no chão.
Com as veias escancaradas ao vento
gritar os seus pomares

Deus não está longe de nós!
(Está aqui).
Nós é que nem sempre estamos perto Dele
!

POEMA-AOS-QUE-SE-AMAM.

AMAR é trazer
um sol preso nos dedos.
AMAR é acender
uma fogueira nas mãos.
AMAR é nunca estar só.
AMAR é livre viver.
Vamos AMAR
vamos sorrir.
Vamos AMAR
vamos subir.
AMAR é estarmos vivos.
AMAR é colar
estrelas dentro da noite.
AMAR é saltar
para lá do nosso eu.
AMAR é plantar
o sangue e o suor.
AMAR também é ter
um pássaro dentro da voz.
AMAR é combater
ao lado de Jesus.
AMAR é não ter medo
quem Ama não vai morrer.

- IDE

e...
(Jesus)
DESABAFO

não tenhais medo

avançai

e

ABRI os lábios da AURORA

de sóis lavrados abertos

povoados de asas trémulas

e

de mãos sabendo a fogo

nos seus gestos simples e eloquentes

para nela os dedos dos pródigos

penetrarem

este é o tempo de plantar as mãos

na ceifa de outras vozes

este é o tempo de acender a voz do Sangue

em todo o lugar

SOMBRAS COLHEM

OS QUE DO AMOR SE DESPRENDEM

do
EXÍLIO.

Abrindo os lábios
onde mora a noite
bebo o hálito
que sobe das sombras
que se inscreve nas fragas

e

no fogo.

Sorvo o silêncio
escorrendo de grutas ermas
(ecos de mar morto)

e choro

oro por ti

HOMEM

(que agrilhado
jazes nas trevas).

Poema

Os homens precisam do nosso suor

Mãos que confirmam
Deus na terra

Eu tenho fome de mãos assim

Mesmo Deus tem fome do suor salgado
das searas
das mãos nos celeiros
a morder a Fome
das mãos
a despir o frio
das crianças
das mãos semeadas nos jardins públicos
das mãos públicas abrindo o mar
das mãos andando na rua dos homens
empunhando a chama do Amor
plantando o sangue no asfalto

Há sepulcros a devorarem mãos

Há mãos a devorarem os sepulcros
(é destas que eu gosto)

É urgente inaugurar as mãos
inaugurando nas mãos
as charruas

Não enterrem as mãos amigos
nem as pendurem nos cabides do sono-Morte
nem mesmo ao Sábado
nem mesmo ao Domingo

Soltai-as ao vento

colando-as nas picaretas
negando os anjos-de-papelão
que trazem ao pescoço
e os santos-mecânicos
que trazem espetados na língua

São urgentes mãos
a multiplicar
mãos
as mãos que se gastam construindo-se
a
gastar
as pedras e os silêncios

É preciso mostrar aos homens
que há um modo de Viver-Vivo

Amigos falem
falem bem alto
mas com as mãos
sílabas de leite e mel
que
as mãos também falam

E importa sobretudo
que falem a linguagem do Sal e do Pão
distribuindo o suor de Deus
pelos homens

as mãos não são mudas

as mãos não são mudas
(quem não sabe?)
quando penteiam as tranças da Esperança

algumas estão mirradas
é certo

não têm movimento
são de granito
de silêncio e gelo

outras são armas enferrujadas
de há tanto tempo não serem utilizadas
é verdade

não têm azeite
são peças de museu
penduradas na noite do peito
são adornos
de trazer na lapela do casaco

precisamos reencontrar
as mãos
as mãos
reencontradas na Luz

precisamos de frutos

precisamos ser frutos

precisamos dar fruto

com frutos se protesta

ser cristão é isto

ser cristão
não é pendurar o sangue ou as mãos
no bengaleiro da igreja

NASCER 1

(em
BELÉM
-ano primeiro da nossa Esperança-)

MENINO FOSTE

de carne e osso (e não de papelão ou de bolas de sabão
e não apenas de barro
como alguns ainda te querem).

Menino

nasceste para Matar
a Morte do homem-sobrevivente
a Morte aos nossos pés das nossas mãos dos nossos miolos,
Estavas cansado de ver homens
a caminharem o caminho largo da Morte
a fabricarem a sua Morte
a pensarem a Morte.

Menino

acordaste para acordar
trazendo a geometria dessas estrelas de sermos novos
que batiam insistentemente à porta das nossas veias.

Quando tudo ao Teu redor
era sono era silêncio era pedra
Tu acordaste.

E os céus e a terra e o mar
bateram as palmas de contentamento.

Nasceste para Matar

acordaste para acordar
e as camas e os berços e as campas
dos negócios mesquinhos da feira da vaidade
não adormeceram nem Mataram

a Tua decisão de acordar os que dormiam resolutamente
embalados pela Morte.

Nasceste para Matar

acordaste para acordar
e eras o arado

que rasgaria o chão da noite
um caminho da Vida-que-vale-a-pena-viver.
Menino
entre o Alfa e o Ómega
uma lágrima eras na frente da batalha
contra os monstros da mentira.
Uma lágrima de pé límpida transparente
a quebrar todos os seixos e todas as navalhas arrogantes
do orgulho.
Uma lágrima salgada. Uma lágrima de sol.
Uma lágrima a arder chorada das alturas.
Uma lágrima que beberia do nosso rosto
as nossas lágrimas plenas de sepulcros e grades.
Um sorriso eras sem o bolor que têm as palavras doentes
e os discursos sifilíticos dos fariseus
e o olhar cheio de muros dos levitas.
Um sorriso emigrado das planícies macias do vento
que a nossa triste—tristeza
de não sabermos degolar a tristeza-de-tristes-estarmos
iria estrangular impiedosamente.
Foste Tu que vieste dizer -BASTA!
-BASTA
de homens escravos.
-BASTA
de homens secos.
-BASTA
de homens podres por dentro
e manequins
por fora.
Uma ave nascias para abrir as pedras.
Uma ave de puríssimos contornos (a subir)
o espanto dos fantasmas.
Uma ave de espessas madrugadas
de Vida de trabalho de bom combate!
A alegre-alegria que procurávamos!

Menino

eras a pólvora exata de suor e sangue
contra o arame farpado das nossas antigas fronteiras
das nossas antigas chagas
o antigo abismo entre Deus e os homens
entre os homens e os homens
vinhas sepultar definitivamente.
Sendo ponte
ditando sangue
transitando pela luz
trazendo mão de sal
abrindo o habitáculo de todo o verde
transpondo os engenhos e os púlpitos tuberculosos
da tradição.
Vieste! Viveste! Em Veste de fogo!

Menino
eras um vulcão enorme de justiça e verdade que nascia
mesmo no meio da praça dos homens
investindo arrojadamente
contra os minuets dos abutres
contra as nossas muralhas de estúpida jactância
e os cemitérios do irracional poder
contra as frias esculturas das falsas religiões
e os calhaus da vingança regados de muitas palavras.
Não te vendeste nunca
ao medo à mentira
ao poder dos frágeis senhores desta terra.
Nunca Te calaste
porque Tu és o grito que ninguém pode abafar.
Os Teus silêncios
eram punhais pelos ouvidos dos juízes vendidos.
Eram fogueiras ardendo nos olhos dos discípulos.
As Tuas palavras
eram avalanches de luz pelo peito dos teus amigos.
Os Teus gestos longos profundos
eram sóis que nenhuma nuvem se atrevia a cobrir.

Menino o Teu combate era beber a nossa sede.
As Tuas lágrimas eram o Suicídio das nossas lágrimas.
Tu
eras o único preço de resgate
da nossa loucura.
Tinhas o coração
da forma de uma cruz!
Tinhas nos lábios
a espada bigúmea de seres a verdade!
Tinhas nas mãos
searas e searas de fogo.

MENINO FOSTE

sem mancha

E

AINDA HOJE NASCES!

E

ainda hoje

as montanhas de medo que temos nas veias
ficam arrepiadas e tremem ante o mar do Teu sangue
quando Tu entras de rompante na nossa vida!

E

ainda hoje

nos visitas na figura de consolo e paz guerreira
de uma pomba!

E

ainda hoje

despedaças as penhas do orgulho!

Agora

QUEM PRECISA NASCER

SOMOS NÓS!

EU.

NÓS.

ÉS MEU CRISTO O NOSSO NATAL

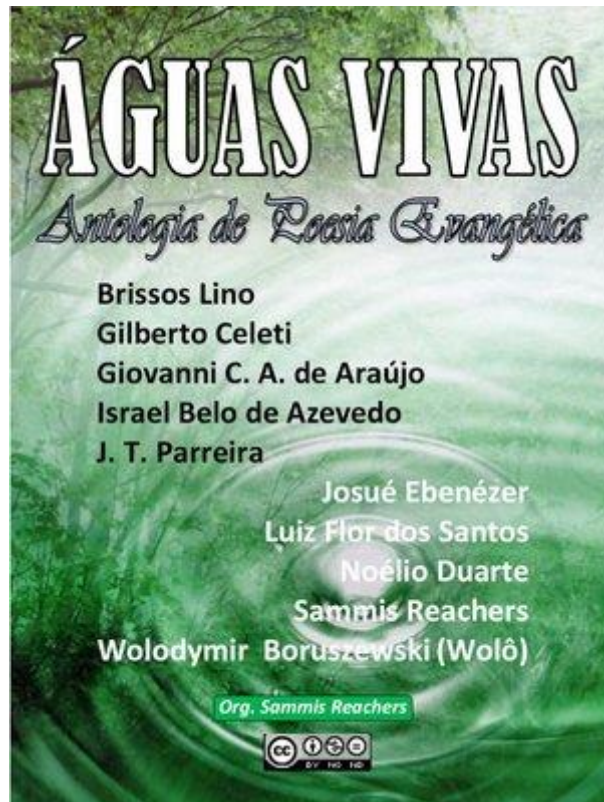
AINDA HOJE!

NASCESTE

PARA NÓS PODERMOS NASCER-DE-NOVO!

Outros livros

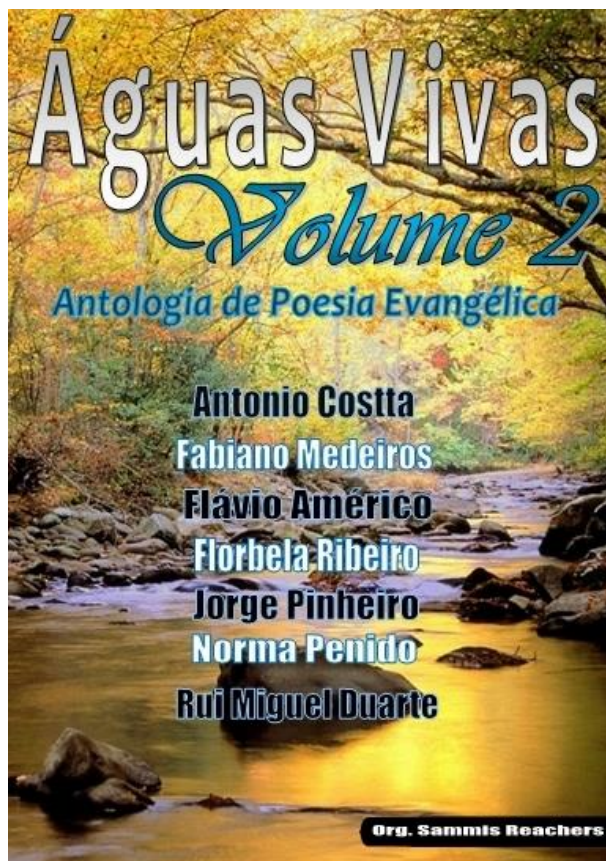
Águas Vivas Volume 1



Autores antologados: *José Brissos Lino, Gilberto Celeti, Giovanni de Araújo, Israel Belo de Azevedo, J.T.Parreira, Josué Ebenézer, Luiz Flor dos Santos, Noélio Duarte, Sammis Reachers e Wolodymir Boruszewski (Wolô).*

Para baixar o arquivo pelo GoogleDrive, [CLIQUE AQUI](#).

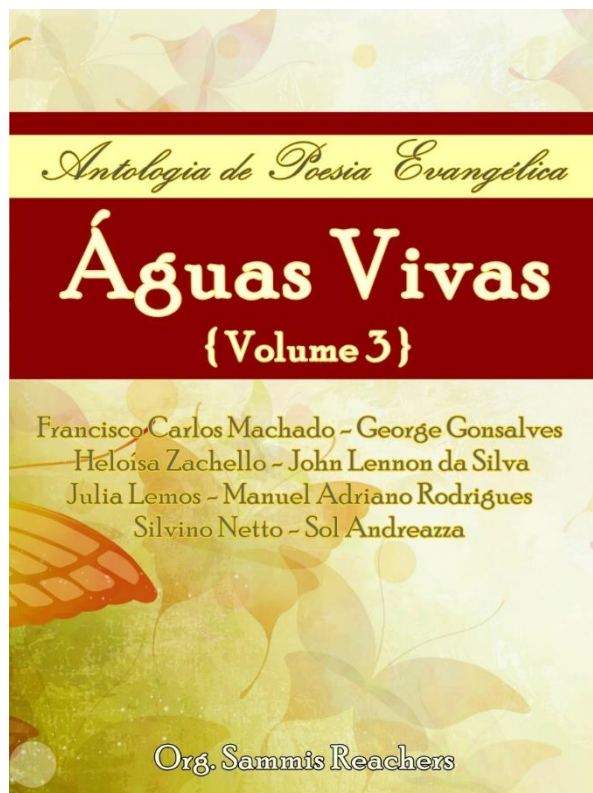
Águas Vivas Volume 2



Autores antologados: Antônio Costta, Fabiano Medeiros, Flávio Américo, Florbela Ribeiro, Jorge Pinheiro, Norma Penido e Rui Miguel Duarte.

Para baixar o arquivo pelo GoogleDrive, [CLIQUE AQUI](#).

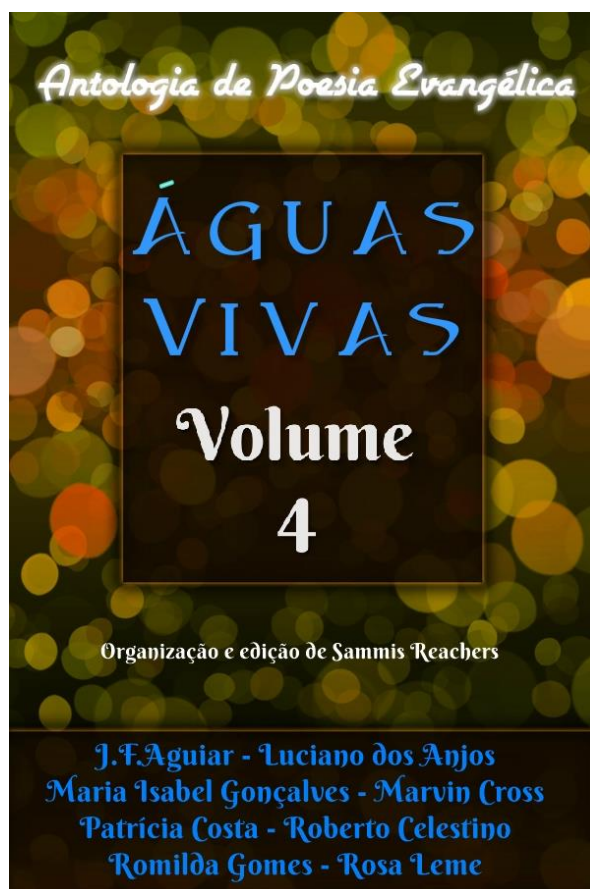
Águas Vivas Volume 3



Autores antologados: *Francisco Carlos Machado, George Gonçalves, Heloísa Zachello, John Lennon da Silva, Júlia Lemos, Manuel Adriano Rodrigues, Silvino Netto e Sol Andreazza.*

Para baixar o arquivo pelo GoogleDrive, [CLIQUE AQUI](#).

Águas Vivas Volume 4



Autores antologiadados: *J.F. Aguiar, Luciano dos Anjos, Maria Isabel Gonçalves, Marvin Cross, Patrícia Costa, Roberto Celestino, Romilda Gomes e Rosa Leme.*

Para baixar o arquivo pelo GoogleDrive, [CLIQUE AQUI](#).

**Para baixar diversos outros e-books gratuitos,
acesse a Biblioteca Virtual do blog
Poesia Evangélica, através [DESTE LINK](#).**